

## ESSE SONHO NÃO TEM FIM...

Sonho! A ideia de criar novas expressões gímnicas...

Desejo! O interesse em mostrar novas possibilidades corporais...

Vontade! A necessidade de produzir manifestações artísticas... Prolegômenos indispensáveis para explicar os princípios norteadores de uma profusão de temas que comovessem os sentidos. Conceitos que envolvessem nossa proposta de criação do Grupo Ginástico Unicamp (GGU). Resultados de reflexões que buscassem transcendência, permitindo transformações de ideias, que atribuiriam significado às ações humanas, sem que desrespeitassem as experiências culturais de seus integrantes. Reflexões e intervenções que se harmonizassem na manifestação da corporeidade. Expressões pautadas pelo belo, pelo ato de inovar combinações de movimentos, sintonizados com ritmos musicais, traduzindo-se em dinâmicas emocionantes, dos instrumentos à própria indumentária.

E assim se fez!

A criação advogava um cunho pedagógico, pautando-se por uma diretriz educacional, em que a formação sempre antecede à capacitação humana. Abordagens que geraram uma imensa

panóplia de produções a serem exportadas, ganhando merecidos aplausos e reconhecimento científico no que se refere à expressão cinestésica. Nem sempre essa proposta foi aceita como projeto de âmbito acadêmico, pois, muitas vezes, apontaram-na com notória desconfiança aqueles que, rotulados por preceitos desatualizados, se posicionavam com ceticismo em relação ao potencial do grupo. Mas o GGU acreditava num discurso genuinamente pedagógico enraizado na motricidade humana, na pedagogia que faz acontecer, logrando diferentes contributos. Uma prática inspirada em infinitas possibilidades de movimentos que, somados, se traduzem numa elegância de gestos gímnicos, consolidados na beleza das formas definidas pelo domínio do corpo no tempo e no espaço. A expressão de uma plasticidade corporal que encanta tanto a quem assiste como a quem pratica. Por meio de giros, saltos, passos de dança, poses e marcações, *performances* acrobáticas e circenses, com ou sem materiais originais, o GGU cria coreografias que dão a sensação de ultrapassar os limites da criatividade, executando desafios impossíveis que nunca cessam. Superam suas próprias ideias, pois esse sonho não tem fim...

*Vilma Lení Nista-Piccolo*

# FORMAÇÃO HUMANA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Surpreendeu-me gratamente o convite para prefaciar este livro, que possui um imenso valor acadêmico e estético e permite ampliar e colocar em imagens o trabalho do Grupo Ginástico Unicamp, nestes 25 anos. Em suas bodas de prata, não poderia ser melhor veículo para mostrar o caminho percorrido e a participação de tanta gente que fez possível chegar a tal grau de maturidade e de reconhecimento nacional e internacional.

Foram tantas as pessoas que deram vida ao grupo, que não posso ocultar o sentimento de emoção que me traz, a honra de escrever este Prefácio, já que significa também um reconhecimento ao meu labor e à minha contribuição ao GGU e à educação física brasileira.

O mérito desse reconhecimento, acredito que esteja na filosofia educacional que orienta minha atividade docente (pressupostos ontológicos), junto aos meus alunos (de graduação e de pós-graduação), sejam eles de turmas ou de grupos de pesquisa (GGU, Grupo Ginástico da FEF e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar). Filosofia, cujo foco ou objetivo (orientação teleológica) tem sido a formação de futuros professores sensíveis e comprometidos com a dura realidade da educação física, nas escolas e nas comunidades (valores axiológicos). Nessa perspectiva, orientei meu trabalho para a formação de professores pesquisadores da cultura e do bem-estar de seus alunos, para que estes possam construir de forma coletiva as mudanças sociais e culturais de sua comunidade, para tornar seus alunos

cidadãos autônomos, independentes e soberanos, em contraposição ao aluno funcionário, que se forma nos dias de hoje nas escolas. Esses alunos deveriam valorizar suas experiências (sua cultura patrimonial) e poder detectar e reconhecer os códigos simbólicos (geralmente ocultos) das manifestações culturais que lhes são ensinadas, como também os da cultura popular que eles praticam e consomem, para dessa forma transformá-la e utilizá-la em ações que permitam o aumento da interação, do respeito e da confiança entre eles.

Para atingirmos os objetivos propostos, construímos uma metodologia que reflete esses valores (axiológicos, teleológicos e ontológicos), na qual os alunos pesquisam as diferentes possibilidades que lhes oferecem as ginásticas — associadas a suas experiências individuais, ampliando assim os recursos e as vivências —, com as quais constroem composições coreográficas que mostram suas diferentes interpretações, diante dos recursos explorados coletivamente, utilizando diversos tipos de implementos que permitam uma exploração e uma criatividade maiores (banco de ideias), para apresentar à sua comunidade o fruto do seu trabalho.

Nessa construção coletiva não há coreógrafo, já que são os próprios integrantes que definem o que e como apresentar o produto de seu trabalho, incorporando nele as mensagens que desejam comunicar, tornando a sua coreografia um discurso corporal.

*Jorge Sergio Pérez Gallardo*



1989



1990



1991



1992



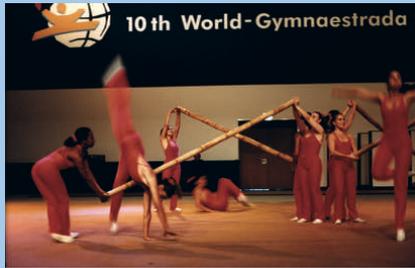
1993



1994



1995



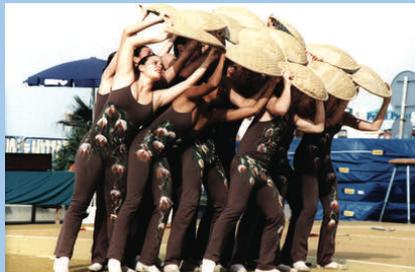
1996



1997



1998



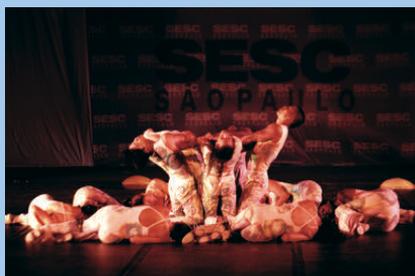
1999



2000



2001



2002



2003



2004



2005



2006



2007



2008



2009



2010



2011



2012



2013



2014





# DE GUAICÁ A GOTAS: UMA HISTÓRIA

É uma grande e audaciosa aventura tentar reunir no espaço limitado de um livro a história de 25 anos do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que envolveu tantas pessoas, realizou inúmeros projetos, construiu espaços para a prática da ginástica, abriu tantas portas e janelas, influenciou professores e alunos, fez sonhar muitos sonhos e criou laços de eterna amizade unindo pessoas na mesma paixão pela ginástica.

Talvez a gênese deste livro tenha surgido, sem que nos déssemos conta, a partir dos primeiros cuidados com o registro e o arquivo de documentos, iniciados pelas coordenadoras desde a sua criação em 1989 e que se tornaram uma prática mantida ao longo dos anos.

A comemoração do jubileu de prata do GGU inspirou-nos a escrever este livro, o qual se efetivou no seio do Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) da Faculdade de Educação Física da Unicamp, grupo do qual todos os autores fazem parte, alguns desde sua criação em 1993. Nesse sentido, esta obra é fruto de uma investigação sobre a trajetória do GGU e foi elaborada com a mesma sistemática e o mesmo rigor científico dos demais trabalhos desse coletivo. Este livro pôde ser concretizado não somente pelo esforço e dedicação de seus autores e demais membros do GGU e GPG, mas, sobremaneira, pelo apoio institucional da Unicamp.

Assim, nós cinco, autoras e autor, como acadêmicos e participantes dessa história, debruçamo-nos numa pesquisa histórica nesse amplo acervo, cujas fontes se constituíram de fotos, vídeos, documentos (jornais, materiais de divulgação de eventos, *folders*, cadernos de registro e planejamento), músicas (de fitas k7 à internet), CDs, DVDs, HDs e todas as tecnologias que registraram analógica ou digitalmente a memória do GGU. No decorrer desse processo, vimos a necessidade de consultar também nossos acervos pessoais, assim como de entrar em contato com outros membros e apoiadores do grupo, em busca de documentos, imagens e depoimentos para compor esta obra. Um processo árduo e envolvente, minucioso e surpreendente, que mexeu e remexeu com nossas memórias, emocionando-nos e impulsionando-nos a arriscar uma escrita narrativa que nos permitisse entretecer os fios dessa história.

Sem a pretensão de contarmos toda a trajetória do GGU, temos a certeza de que o que ora apresentamos é apenas uma versão possível, dentre as tantas que poderiam ser produzidas, considerando, por um lado, a riqueza de fatos e realizações a serem mostrados e, por outro lado, as limitações próprias de um projeto como esse.

Esperamos que você possa emocionar-se e divertir-se conosco nesse percurso de *Guaicá a Gotas*, lembrar sua própria história com o GGU ou, quem sabe, encontrar inspiração para outras histórias...



# UNINDO PESSOAS, TECENDO SONHOS

Tudo começou em 1989, a partir do recebimento de um *folder* de divulgação da VI Gimnasiada Americana em Buenos Aires (Argentina), que chegou encaminhado para ciência, pelo então diretor da Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF-Unicamp), João Batista Andreotti Gomes Tojal, às professoras Vilma Lení Nista-Piccolo e Elizabeth Paoliello Machado de Souza, responsáveis pelas disciplinas de ginástica nessa faculdade.



Colegas havia muitos anos, como professoras do Instituto Educacional Imaculada, em Campinas (SP), e também como técnicas de ginástica artística (GA) e ginástica rítmica (GR) no Clube Campineiro de Regatas e Natação (CCRN), na mesma cidade, e com grande experiência na ginástica e na organização de festivais, compartilhavam o sonho de criar um grupo de apresentação de ginástica que pudesse se expressar sem os limites das regras das modalidades gímnicas competitivas.

O convite recebido reacendeu em ambas esse sonho, o que as levou a criar um grupo de ginástica geral (GG)<sup>1</sup> para participar do referido evento: o Grupo Ginástico Unicamp. No prazo de um mês, já tinham convidado 18 ex-ginastas e ex-alunas de dança para integrar o grupo, sendo realizada a primeira reunião na casa da professora Vilma.

<sup>1</sup> Utilizaremos neste livro a denominação *ginástica geral*, apesar de a Federação Internacional de Ginástica (FIG) ter adotado a terminologia *ginástica para todos* a partir de 2007. Essa opção, mesmo reconhecendo os limites e as possibilidades de ambos os termos, deve-se a todo o processo de consolidação da concepção de ginástica geral presente na proposta do GGU ao longo desses 25 anos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, dentro e fora da universidade. Entendemos que uma alteração dessa natureza significa muito mais do que apenas uma mudança terminológica, exigindo um amplo processo de discussão que ainda está por ser feito.



### **Ginástica no Sesc Mobil**

*O Sesc Mobil prossegue hoje, a partir das 20 horas, no Ginásio do Taquaral, com uma programação exclusivamente voltada à ginástica. Serão 16 academias mostrando os resultados da educação do corpo, entre elas, Athletic Center, Ginástica Sesc, Lurdinha Academia de Artes, Fama, Concórdia, Spatium, Ymagem Academia, Borgesports, Melanie Bull Tolotto, Apolo Center, Gymnos, Corpo e Dança, Arte e Efeito e as participações especiais da Ginástica Olímpica do Dmefer, e do Grupo Ginástico da Unicamp.*

Correio Popular – 14/9/1989

Desse encontro resultou o início do projeto de criação de uma composição coreográfica fundamentada nos movimentos da GA, da GR e da dança, denominada Guaicá, com músicas bem brasileiras (dentre elas “Guaicá”, de César Camargo Mariano, e “É”, de Gonzaguinha).

Durante as férias de julho desse mesmo ano, os treinos foram realizados visando à estreia no Festival Sesc Mobil de Ginástica e Dança, realizado no Ginásio do Taquaral, em Campinas. Considerado um evento importante que se estendia por quatro dias consecutivos e que abrangia um grande número de grupos de escolas, clubes e academias, permitiu ao GGU mostrar pela primeira vez a sua composição coreográfica. O projeto havia se transformado em realidade e todas se viram prontas para a próxima etapa.

# Tudo pela ginástica



Os integrantes do grupo já iniciaram a busca para ter recursos que permitam a viagem a Holanda, no próximo ano. O grupo foi formado no ano passado.

Os ginastas da Unicamp estão fazendo a junção das técnicas de ginástica artística com ginástica rítmica.



Um grupo de ginastas da Unicamp não mede sacrifício para conseguir recursos e participar de eventos internacionais. Quando o patrocinador não aparece, entra em cena o velho jeitinho brasileiro.

**Q**uerer é poder. Foi assim que recrutou o grupo de ginastas da Unicamp, quando decidiu participar da Gimnasiada da América, em

Buenos Aires, durante o mês de outubro do ano passado. Dinheiro para a viagem nem todos tinham. Restou, então, acreditar mais uma vez no velho jeitinho brasileiro. E vendendo bolo, brigadeiro, circulando o livro de ouro e apelando até para o pedágio de rua e tal do dinheiro acabou aparecendo. Sem tudo. As duas últimas passagens foram bancadas pela Construtora Abramo de e Academia Borges. A Construtora Opção se responsabilizou pelo fornecimento dos aparelhos e, além, os atletas realizaram o sonho. Agora, porém, quem dar um sítio mais alto. Conseguir recursos para participar de ginástica em Amsterdã, na Holanda, em julho do próximo ano. Foto: A. M.

## Livro de Ouro

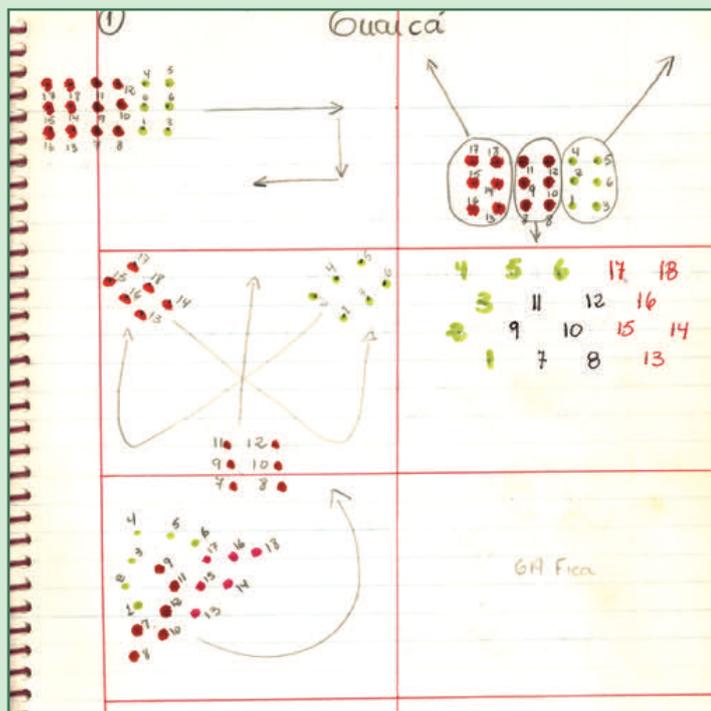
GOSTARIAMOS DE APRESENTAR A VOSSA SENHORIA O GRUPO GINÁSTICO UNICAMP QUE É FORMADO POR ALUNAS E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, EX-GINASTAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA, GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA E EQUILIBRADA. O GRUPO PRETENDE ATRAVÉS DESTE LIVRO OURO RECEBER APOIO FINANCEIRO PARA REPRESENTAR O BRASIL NA "II GIMNASIADA AMERICANA" A SER REALIZADA EM BUENOS AIRES - ARGENTINA, DE 06 A 15 DE OUTUBRO PRÓXIMO. ESTA GIMNASIADA É UM ENCONTRO CIENTÍFICO RECONHECIDO MUNDIALMENTE PELA FIEP (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA).

COM A CERTEZA DE PODER CONTAR COM A VOSSA VALIOSA ATENÇÃO E COLABORAÇÃO, AGRADECEMOS IMENSAMENTE.

A meta a seguir era a viagem a Buenos Aires; para cobrir as despesas, foram elaborados projetos de patrocínio, solicitações à universidade, além de outras ações, como pedágios, rifas e "livro de ouro", que geraram contribuições de amigos e professores. Apesar desses esforços, a maior parte das despesas foi paga pelas próprias integrantes.

A composição coreográfica estava pronta e devidamente ensaiada, o figurino definido e as passagens aéreas compradas.

E, assim, o grupo formado por 17 ginastas e 2 coordenadoras seguiu rumo à Argentina, onde obteve grande sucesso, tendo atuação destacada pela comissão organizadora e recomendação às autoridades brasileiras e à Unicamp para apoiar a sua presença na Gimnasiada seguinte.



O Grupo Ginástico Unicamp foi um dos responsáveis pela minha decisão por escolher a educação física como profissão e a ginástica como paixão! É uma referência para o trabalho que desenvolvo, e possibilita que eu continue praticando, entre amigos, a ginástica. Isto não tem preço!

*Ivanise Maldonade, GGU*

GGU... Difícil explicar... Uma mistura de ginástica com explorações de movimentos interiores e exteriores, gerando muita criatividade com o auxílio de materiais. Um banco de ideias para seus participantes e admiradores. Além do mais, um espaço para interagir com colegas da área, trocar experiências profissionais, culturais e se divertir.

*Adriana Correcher Pitta, GGU*

O GGU para mim foi uma grande aula de descoberta da ginástica. Como ex-ginasta de competição, acostumada à rigidez do esporte, o GGU me abriu as portas para conhecer uma ginástica criativa, expressiva e principalmente coletiva, que, em diferentes momentos da minha vida, tive o prazer de praticar.

*Bia Passo, GGU*



Elizabeth Paoliello Machado de Souza, Vilma Lení Nista-Piccolo, Adriana Correcher Pitta, Alice Rego Lobo, Ana Paula Carvalho Rossi, Beatriz Leme Passos, Cláudia Carvalho Marotta, Cláudia Mara Bertollini, Daniele Rigueto, Edileine Matiello Vera, Eliana Ayoub, Ivanise Rodrigues Maldonade, Izabel Cristina Balau, Márcia Ramos Fontes Cabral, Maria Sílvia Meneguetti, Renata Landuce Ortale, Sílvia de Cássia Vieira, Simone Chelio, Simone Margarido Prando.



Aos 18 anos, comecei o GGU como uma boa desculpa para fugir da hora do *rush* das 18 horas, do 3.60 [linha de ônibus] apertado, e ficar um pouco mais na Unicamp, vendo gente bonita como a Beth e querendo voar mais alto como o Jorge Pérez. Era só isso aos 18. Tomei uns tombos caídos por lá, me passava os passos, variava no torto das pernas e distorcia pra cravar na diagonal. Na falta da cravada, mandava um elegante *grand jeté*, coisa bonita, mas que não era muito de macho. Pra compensar, entoava o coro *los mocetones* e ria dos outros, ou da risada do Jorginho. E tudo isso junto, bem junto, sentindo o cheiro de um e o peso do outro, em noites ginásticas que me viravam a vida.

Vinicius Terra, GGU

### Grupo Ginástico da Unicamp

O Grupo Ginástico da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) embarcou, no sábado, para Buenos Aires, na Argentina, onde vai representar o Brasil na VI Ginnsiada — encontro de ginastas de países americanos. Ao todo, 18 atletas vão se apresentar no festival, e as profes-

ras Vilma Leni Nista Piccolo e Elisabeth P. Machado de Sousa vão participar também de uma conferência. Os ginastas viajarão com dinheiro conseguido através de pedágios nas ruas de Campinas e apoio da Abramides — Empreendimentos Imobiliários.

Diário do Povo – 9/10/1989

Os momentos que vivenciei no GGU, posso assegurar, foram maravilhosos e deixaram muitas saudades. O GGU me proporcionou ensinamentos da ginástica que carregarei por toda a minha vida, além das amizades. Com certeza o GGU é uma das muitas coisas boas que aconteceram na minha vida.

Flávia Urbano Alberti, GGU





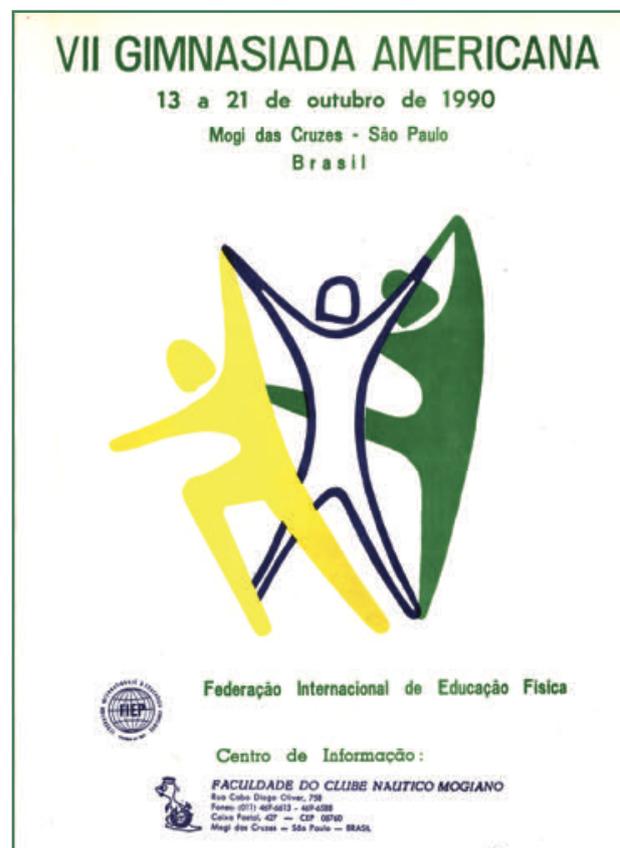
Essa primeira viagem internacional fortaleceu o grupo, tanto internamente como institucionalmente, resultando na elaboração e na realização do Projeto Ginástica 90, com atividades que integravam o ensino (disciplinas de graduação e especialização), a pesquisa (grupos de estudo e pesquisa em GA, GR e ritmo) e a extensão (projetos oferecidos à comunidade, como: GA e GR — “Brincando e aprendendo”; atividades psicomotoras fundamentadas na GA e na GR; “Brincando com o ritmo”, além da organização de eventos, competições e cursos para professores).

Desde sua gênese, o GGU transita entre o ensino, a pesquisa e a extensão, participando ativamente de eventos na própria universidade e expandindo suas ações em escolas, clubes e associações, o que vem colaborando para a consolidação e a integração dessas três esferas de atuação universitária.

A entrada de integrantes do sexo masculino no grupo foi um passo importante nessa época, e deu início a uma desejada composição mista do GGU, que, no entanto, levou alguns anos para se equilibrar numa divisão igualitária de gênero.

Ainda em 1990, uma nova composição coreográfica foi criada, *Lambachiana*, que mantinha a base gestual da GA, da GR e da dança, unindo uma obra clássica de Vila Lobos, “Bachianas”, ao ritmo da lambada, que fazia grande sucesso na época. A valorização da cultura brasileira nos movimentos, na música e no figurino já era uma preocupação do grupo nesse período.

Dois importantes eventos marcaram a trajetória do grupo e o impulsionaram e motivaram a voos mais longos nesse ano: a VII Gimnasiada Americana, em Mogi das Cruzes (SP), e o 9º Festival Nacional de Ginástica (Fegin), em Ouro Preto (MG), esse último promovido pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e realizado numa parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e a Federação Mineira de Ginástica (FMG), no mês de dezembro.







**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA**

AV. FRANCISCO SÁ, 1360/101  
30410 - BELO HORIZONTE - MG  
TELEFAX - (031) 334-7982

Ofício n 69/90

Beio Horizonte, 05 de outubro de 1990

AO GRUPO DE GINASTICA DA UNICAMP

Prezados Senhores,

Como informamos anteriormente, através da Circular 14/90, a Federação Internacional de Ginástica promoverá a 9ª GYMNAESTRADA MUNDIAL, no período de 13 a 21 de julho de 1990, em Amsterdam, com a participação de cerca de 25.000 ginastas, representando aproximadamente 30 Países.

Como parte das programações desse importante evento será realizada a "Noite de Gala" da F.I.G., quando o Brasil estará representado em um período de 4 minutos de apresentação.

Para tanto, no interesse de contar com uma participação de adequada qualidade, assim como, apresentar movimentos que expressem as características da ginástica praticada em nosso País, vimos oficializar a indicação do GRUPO DE GINASTICA DA UNICAMP para se apresentar na "Noite de Gala" da F.I.G., utilizando um tempo de 2 minutos do período reservado ao Brasil.

Informamos ainda que o grupo poderá se apresentar em outros momentos da Gymnaestrada Mundial, com um limite máximo de tempo de 15 minutos, para o que já inscrevemos a UNICAMP.

Na expectativa do vosso atendimento, agradecemos e aproveitamos a oportunidade para parabenizar-vos pelo trabalho de destaque nacional e internacional, que vem realizando na área da Ginástica Geral.

Cordialmente

Mario Cesar Cheberle Pardini  
- Presidente -

A presença do GGU no Fegin propiciou o reconhecimento da CBG em relação à qualidade da composição coreográfica apresentada, o que resultou na indicação para representar o Brasil na “FIG Gala” da 9ª Gymnaestrada Mundial (World Gymnaestrada) em Amsterdã (Holanda), no ano de 1991.

Nessa gestão da CBG, sob o comando de Mario César Cheberle Pardini, deu-se continuidade a um projeto de esclarecimento e incentivo à participação de grupos brasileiros nas Gymnaestradas Mundiais (GM), iniciadas pelos professores Fernando Brochado e Carlos Roberto Alcântara de Rezende em 1986, quando eram, respectivamente, presidente da CBG e diretor do Comitê Técnico de GG da Confederação. Houve, a partir daí, uma democratização da participação de grupos brasileiros, que antes se restringia a grupos do Rio de Janeiro, os quais tinham acesso às informações (Souza, 1997). Como resultado desse processo, a CBG conseguiu levar para Amsterdã uma delegação composta por 143 integrantes, de 9 grupos, dentre eles o GGU.

Um novo grupo se mobiliza então para conseguir realizar esse projeto e, em julho de 1991, participa pela primeira vez de uma Gymnaestrada Mundial com três apresentações da composição coreográfica *Guaicá*, como parte da programação geral de grupos, e, igualmente, na “FIG Gala”, com *Lambachiana*.



## SACADA PAULISTA

Ginastas da Unicamp que irão para a Holanda: 25 000 participantes do mundo todo

Revista Veja, ano 24, n. 26 – 26/6/1991



#### GINÁSTICA

### Para mostrar e aprender

Um verdadeiro show de acrobacia e coreografia é o que prometem os dezesseis ginastas — catorze meninas e dois rapazes — da Faculdade de Educação Física da Unicamp que, no próximo dia 9, estarão seguindo para Amsterdã, na Holanda. Junto com mais oito

delegações brasileiras, a equipe campeira vai participar da 9.ª Gymnaestrada, considerada, depois dos Jogos Olímpicos, o evento mais importante do mundo em número de participantes. “São 25 000 ginastas de 32 países”, diz a professora Elisabeth Paoliello de Souza, que, ao lado da colega Vilma Piccolo, vem treinando a equipe há dois anos. “Vamos para mostrar nosso trabalho e também para aprender.” ■



No ano de 1992, com a saída da professora Vilma da coordenação, o professor Jorge Sergio Pérez Gallardo (docente da FEF-Unicamp) passa a contribuir com o GGU, trazendo sua grande experiência na área, como integrante do Ballet Folclórico Nacional do Chile, como fundador e diretor por dez anos do Curso de Pedagogia em Educação Física na Universidade do Chile — Sede Osorno — e como responsável pelo Grupo de Ginástica Rítmica Formativa Ketrachue nesse país. Esse grupo, com grande expressão no cenário da ginástica na América Latina, participou de eventos nacionais e internacionais, difundindo a proposta de uma educação física atenta às particularidades culturais de cada grupo social.



Uma nova dupla de coordenadores é constituída, passando a compartilhar sonhos, valores, conhecimentos e ideias para o GGU.



A predominância de ex-ginastas de modalidades competitivas (principalmente GA e GR), assim como a valorização dos movimentos característicos dessas modalidades na composição coreográfica, foi, aos poucos, dando lugar a uma nova proposta, com caráter mais pedagógico e participativo, incluindo movimentos de outras práticas corporais e valorizando ainda mais a criatividade. Esse formato foi aproximando-se de outras tendências na área educacional, que tinham no seu cerne uma preocupação mais ampla com a formação humana, como algumas abordagens pedagógicas da educação física escolar.



O GGU, como um veículo de experimentação e difusão das pesquisas desenvolvidas sobre a ginástica geral na FEF-Unicamp, passa a integrar o Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral, reconhecido pelo CNPq em 1993, atualmente denominado Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG). Nesse momento, acentua-se como seu principal objetivo levar ao conhecimento dos alunos e professores das escolas, assim como do público em geral, os resultados de suas pesquisas na área da GG, por meio de palestras, cursos e apresentações, oferecendo um “banco de ideias” que possa inspirar os profissionais interessados em experimentar novas formas de atuação na área escolar e comunitária.



Além dos aparelhos tradicionais da ginástica, passa a utilizar materiais não tradicionais, como bambus, câmaras de pneu, caixas de refrigerantes, bandas elásticas, panos, chocalhos, entre outros, provenientes da natureza ou da fabricação humana, num processo minucioso de pesquisa gestual, assim como de outros importantes aspectos que compõem a criação de uma composição coreográfica, como o tema, o figurino, a música etc.

Pela primeira vez, essa proposta foi levada para fora do país, a várias cidades e universidades chilenas, no ano de 1993, mostrando 11 composições, além de cursos e palestras ministrados pelos coordenadores. A organização e a viabilização dessa viagem deveram-se, em grande parte, à rede de relações do então coordenador Jorge, em seu país de origem.





**DESDE BRASIL.-** Felices llegaron ayer en las primeras horas de la tarde a esta ciudad, los gimnastas brasileños de la Universidad de Campinas, de Sao Paulo, con el propósito de actuar en la velada internacional que se ofreció anoche en el gimnasio Español, donde también se presentó el conjunto osornino Keträhue, en una atractiva jornada organizada por la agrupación local y el Departamento de Deportes y Recreación de la Municipalidad de Osorno. La jornada se montó con el objeto de recaudar fondos para la asistencia del Keträhue a una versión de la Gimnasiada Nacional.

El Diario Austral – 11/10/1996

*Gran Festival  
Gimnástico  
Unicamp - Brasil  
Keträhue - Chile*



**Keträhue**

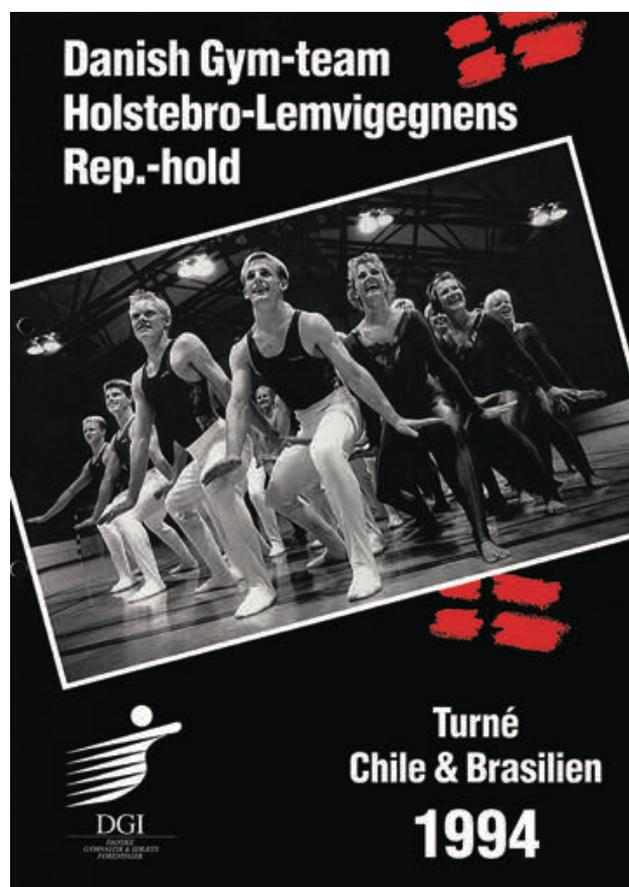
*Domingo 10 Octubre  
Gimnasio Español  
19:30 horas*

*Organiza: Dpto. Deportes  
y Municipalidad - Osorno.*



Em 1994, o GGU recebeu o grupo dinamarquês de ginástica de Holstebro – Lemvigegnens (Danske Gymnastik & Idrætsforeninger – Associação Dinamarquesa de Esporte e Ginástica – DGI), sob a liderança de Holger Vestergaard, experiência que pode ser considerada o ponto de partida para uma série de intercâmbios – especialmente no continente europeu – que, ao longo desses 25 anos, enriqueceram e ampliaram os horizontes do GGU e de seus integrantes, bem como de outros estudantes da Unicamp.

Como exemplo dessa abertura internacional, o GGU tem, em 1995, a oportunidade de combinar a sua participação na 10ª Gymnaestrada Mundial em Berlim (Alemanha), com apresentações no Festival Internacional de Ginástica de Alicante (Espanha), a convite da DGI, compondo essa turnê com apresentações em várias cidades da Dinamarca. Como extensão desse convite, no mês seguinte, as professoras Elizabeth e Eliana Ayoub (então membro do GGU) fizeram uma viagem de estudos à Dinamarca, visitando escolas e universidades e fortalecendo a parceria então iniciada.





A proposta pedagógica do GGU foi desenvolvida por seus coordenadores Elizabeth e Jorge e apresentada no “Fórum de Instrutores” da 10ª Gymnaestrada Mundial (1995), tendo sido publicada pela primeira vez em 1996, na revista *Krumspring* da DGI (Gallardo e Souza, 1996a) e nos *Anais* do 3º Congresso Latino-Americano — Deporte, Educacion y Salud en el Movimiento Hu-

mano — Ichper-SD, realizado em Foz do Iguaçu (PR) (Gallardo e Souza, 1996b). Em 1997, fez parte de uma coletânea de ginástica geral (Gallardo e Souza, 1997). Já no ano de 1998, uma versão mais ampliada dessa proposta foi publicada pela professora Elizabeth (Souza, 1998), a partir das reflexões de sua tese de doutorado (Souza, 1997). Trazemos essa versão na íntegra revisada.

## A PROPOSTA DE GINÁSTICA GERAL DO GRUPO GINÁSTICO UNICAMP<sup>2</sup>

### Introdução

O Grupo Ginástico Unicamp tem sido, nas últimas décadas, o veículo de difusão das pesquisas na área da ginástica geral, desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Ginástica da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Tendo como fio condutor as questões pedagógicas do movimento humano, essas investigações buscam novas possibilidades de utilização da ginástica geral nas aulas de educação física e em programas de GG desenvolvidos em clubes, universidades e associações.

O Grupo Ginástico Unicamp é formado por estudantes universitários e professores de educação física, além de outros profissionais que, durante estes anos, têm levado sua proposta por meio de palestras, cursos e apresentações em inúmeros eventos nacionais e internacionais.

<sup>2</sup> SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp". *Anais do I Congresso Latino-Americano de Educação Motora e do II Congresso Brasileiro de Educação Motora*. Campinas, Unicamp, 1998, pp. 27-34.

### Formação humana e capacitação: Princípios básicos da proposta

Uma das grandes dificuldades na tarefa educacional tem sido a confusão existente entre a *formação humana* e a *capacitação*, dois fenômenos distintos que permeiam toda ação educativa. Segundo Maturana e Rezepka (1995, p. 11), a *formação humana* "tem a ver com o desenvolvimento do menino ou menina como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável". Para que isso seja alcançado, é necessário criar condições que orientem e apoiem a criança durante seu crescimento, considerando-a capaz de respeitar a si mesma e ao outro e de fazer as suas próprias escolhas. Dessa forma, a consciência de sua individualidade, identidade e autoconfiança passa a significar o respeito a si mesma e não a oposição ou a diferença em relação às outras pessoas, podendo então colaborar tranquilamente por estar segura de seu espaço no grupo social.

Por outro lado, a *capacitação* "tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no



mundo em que se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que queira vivenciar” (Maturana e Rezepka, 1995, p. 11). Portanto, dentro do processo educativo, a capacitação consiste na criação de espaços de ação, para o desenvolvimento das habilidades desejadas, ampliando as capacidades de se fazer, refletindo sobre esse fazer, como parte da experiência que se vive e que se deseja viver.

Nas orientações baseadas nos aspectos biológicos e neurocomportamentais, a ênfase nas aulas de educação física é dada na *capacitação*, ou seja, na instrumentalização do aluno por meio da apropriação de técnicas. A condição física e o rendimento são as metas principais, e a preocupação com a formação humana, ainda que presente, tem um papel secundário.

Dentro do paradigma socialização/sociabilização que embasa esta proposta, a *formação humana* é privilegiada em relação à *capacitação*, que, mesmo tendo seu espaço garantido, posto que é conteúdo indispensável da educação física, não se sobrepõe ao desenvolvimento dos valores humanos. A *capacitação* é um caminho para a realização da tarefa educacional; ela acontece na prática do fazer, quando esta se dá numa situação de respeito mútuo entre o professor e o aluno. Ela só se confirma como uma capacidade de fazer e refletir

sobre o fazer, quando o processo de aprendizagem ocorre com responsabilidade por aquilo que se faz.

No que diz respeito à *capacitação*, o professor de educação física deve preocupar-se com o desenvolvimento das capacidades biológicas e das habilidades específicas do ser humano, facilitando ao aluno a apropriação de todas as manifestações da cultura corporal que sejam relevantes para a convivência em seu meio físico e social. Para tanto, é de sua competência conhecer com profundidade o desenvolvimento do ser humano, para, assim, poder escolher as atividades adequadas às diferentes faixas etárias. Da mesma forma, deve conhecer as atividades que são relevantes para cada



região à qual o aluno pertence, criando um ambiente de confiança, pleno de estímulos diversificados e adequados a suas características, necessidades e interesses.

O respeito à individualidade de cada pessoa, à sua cultura de origem, aos seus valores e expectativas deve constituir a base do processo educativo, no qual o aluno nunca seja criticado no seu ser, mas sim corrigido no seu fazer, pois, desta forma, terá mais possibilidades de inter-relacionar-se com sucesso, aprimorando o seu próprio ser. Muitas vezes, a apropriação de uma determinada manifestação valorizada pelo grupo facilita a sua integração e o seu reconhecimento como parte desse grupo. Por exemplo, saber dançar o forró, o samba ou uma dança da moda, ou, ainda, numa praia, poder participar de um jogo de voleibol ou futebol.

No aspecto da *formação humana*, a principal atitude do professor deve ser a de ensinar a vivenciar os valores humanos, criando atividades em que o aluno tenha a oportunidade de experienciar a cooperação, a responsabilidade, a amizade, a solidariedade, o respeito a si próprio e aos demais etc. O professor deve ter claro que esses valores não são para ser exercidos no futuro ou na vida adulta, mas agora, no presente, já que o futuro é uma incógnita, e não temos o direito de oferecer aos nossos alunos, como futuro, a nossa visão de presente. Maturana e Rezepka (1995, p. 10) aprofundam essa ideia quando em seu texto declaram acreditar

[...] que o futuro deve surgir dos homens e mulheres que viverão no futuro. Homens e mulheres que deveriam ser íntegros, autônomos e responsáveis por seu viver e por aquilo que fazem, pois o fazem por si mesmos; homens e mulheres sensíveis, amorosos, conscientes de seu ser social e de que o mundo em que vivem surge com seu viver.

Nesta visão, o professor tem papel relevante na vivência de valores significativos para o ser humano, tais como: a criatividade, o respeito às normas e leis do grupo e da sociedade como um todo, o espírito crítico, a honradez, a afetividade, a liberdade e a disponibilidade para estar a serviço do grupo, entre outros.

É possível destacar alguns pontos importantes que norteiam a concepção de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp, ancorada nos princípios de *formação humana e capacitação*:

- o incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
- o conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
- a liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal;
- o resgate dos valores culturais de cada grupo social;
- o prazer na atividade (ludicidade);
- a promoção da cooperação e da participação;
- a experimentação de diferentes formas de organização social;
- o estímulo à autossuperação e à criatividade;
- a possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (criança, adultos, idosos, deficientes etc.);
- a discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas;
- o aumento da interação social;
- a demonstração das composições como produto final do processo educativo;
- a elaboração e o respeito às normas, às regras e aos regulamentos criados pelo grupo.

## Conceituação e conteúdos da ginástica geral na visão do Grupo Ginástico Unicamp

Na proposta desenvolvida pelo Grupo Ginástico Unicamp, a ginástica geral é entendida como

[...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica etc.), integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes. (Souza e Gallardo, 1997, p. 35)

Consideram-se *conteúdo* da ginástica geral os elementos da cultura corporal que constituem as seguintes formas de expressão corporal e que podem ser apropriados de acordo com o interesse e a necessidade do grupo:

- *as ginásticas*: artística, rítmica, acrobática, natural, localizada, aeróbica, trampolim acrobático etc.;
- *as danças*: populares, contemporâneas, folclóricas etc.;
- *os esportes*: individuais e coletivos;
- *as lutas*: karatê, judô, esgrima, capoeira etc.;
- *os jogos e brincadeiras*: populares, pré-desportivos, folclóricos etc.;
- *elementos das artes musicais*: dentre eles a utilização do pulso, da melodia e a interpretação das emoções que a música inspira;
- *elementos das artes cênicas*: encontrados no teatro, no circo, na mímica etc.;
- *elementos das artes plásticas*: utilização e construção de aparelhos, vestuário, cenários, instrumentos musicais etc.;
- *experiências de vida*: são as experiências que o aluno adquire em seu próprio meio ambiente;

como exemplo podemos citar uma situação em que uma criança do campo, sabendo utilizar o laço, possa ensinar essa habilidade aos outros.

Maturana e Rezepka (1995, p. 19) reforçam esse aspecto quando afirmam que “aquilo que as crianças são e sabem ao ingressarem no espaço escolar não deve ser desvalorizado. Ao contrário, deve ser usado como ponto de partida valioso sobre o qual se construirá o seu futuro”.



Figura 1. Conteúdos da ginástica geral na proposta do Grupo Ginástico Unicamp.

Ao utilizar-se dos movimentos constitutivos dessas variadas formas de expressão do ser humano, não se está preocupado com a perfeição da técnica, com o resultado a ser atingido ou com o cumprimento de suas regras, mas sim em facilitar a sua apropriação, utilizando-se do maior número possível de alternativas de expressão corporal, que sejam relevantes e que façam parte de seu universo cultural. Desta forma, o indivíduo enriquecerá seu repertório de movimentos, numa proposta que valoriza o prazer da atividade física, respeita as características individuais e facilita a interação social.



A utilização dos aparelhos tradicionais da educação física, assim como de materiais adaptados da natureza ou da fabricação humana, é bastante incentivada, pois, além de ser um meio de interação social (principalmente com aparelhos de grande porte que requerem várias pessoas para movimentá-lo), é altamente motivante e facilita o desenvolvimento da criatividade ao empregar os recursos que seu meio físico e social oferece.

Deve-se oferecer ao aluno uma ampla vivência das possibilidades de movimento a fim de que, após esta fase de aquisição, aprendizagem, troca, embasamento, expansão do vocabulário de movimentos e do conhecimento como um todo, o próprio indivíduo possa optar por especializar-se em uma determinada modalidade, com fins competitivos ou não, ou ainda integrar as experiências vividas, criando novas formas de prática do movimento.

### A metodologia utilizada pelo Grupo Ginástico Unicamp

A metodologia que orienta a proposta tem como principal objetivo proporcionar o aumento da interação social, através do trabalho grupal, no qual cada um dos participantes contribui com as experiências e habilidades que melhor domina e

que podem ser úteis para o trabalho do grupo. Desenvolvida ao longo de todos estes anos de trabalho com a ginástica, a metodologia que utilizamos pode, para efeito didático, ser dividida em duas partes: uma destinada ao aumento da interação social e à vivência e à exploração das possibilidades de movimento e a outra direcionada para a utilização e a exploração dos recursos que o material proporciona.

#### Aumento da interação social e vivência de movimentos

1. Desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades individuais, a fim de aumentar os recursos a serem socializados, selecionando os movimentos conhecidos pela maioria e que permitem atingir o que chamamos de *criação de uma linguagem comum de movimentos*. Uma das formas que utilizamos são os deslocamentos grupais com gestos esportivos e imitativos da vida cotidiana, em que o professor executa inicialmente alguns modelos de movimentos que são conhecidos por todos. Alcançada a compreensão dessa ideia, formam-se pequenos grupos nos quais os monitores são os próprios alunos que se revezam.



2. Intercâmbio de experiências entre os alunos, em que são utilizadas diferentes formas de organização grupal. Inicia-se aos pares, passando a seguir para trios, quartetos, grupos de oito, até um grande grupo que, de acordo com a idade e a experiência dos alunos, pode chegar a 10, 12, 15 ou mais integrantes. Nessa fase, utilizamos atividades variadas, como, por exemplo: sombra, espelho, irmãos siameses, cardume etc.
3. Alcançada a estrutura grupal, exploramos diversas formas coreográficas, tais como: formações em linhas retas, curvas e combinadas; formações em círculos, triângulos, quadrados etc.
4. Utilização das experiências de movimento individuais e coletivas dentro das formas coreográficas descobertas.

#### Exploração dos recursos de materiais tradicionais e/ou adaptados

1. Exploração dos recursos próprios do material, como, por exemplo, a bola de futebol, a de basquetebol, a de tênis, com os movimentos próprios de sua modalidade esportiva.
2. Exploração do material utilizando-se de movimentos característicos de outras modalidades

esportivas, como, por exemplo, bolas de diferentes esportes em diferentes jogos, brincadeiras, danças etc.

3. Exploração de elementos das artes cênicas, como, por exemplo: interpretar uma determinada situação do cotidiano usando os materiais como parte da cena ou do figurino.
4. Exploração de elementos das artes plásticas, como, por exemplo: na construção de cenários, aparelhos ginásticos improvisados etc.
5. Exploração de materiais que o meio oferece, como, por exemplo, bambus gigantes, câmaras de pneu, caixas de refrigerantes, na construção de aparelhos ginásticos, em jogos, em danças etc.

#### Estratégias

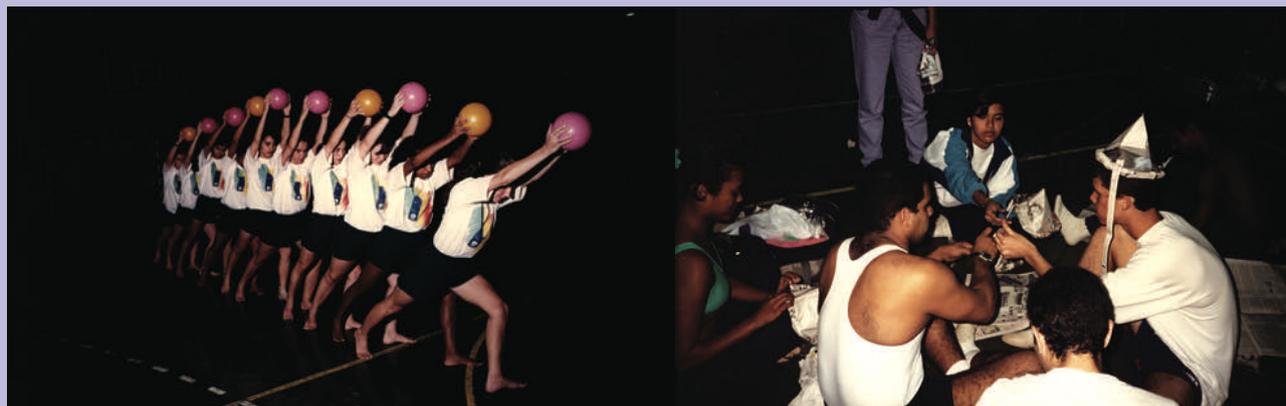
Para motivarmos os descobrimentos individuais e grupais, de acordo com as características, necessidades e expectativas dos integrantes do grupo, utilizamos as variáveis do movimento, em cada uma das formas de organização grupal e das formas coreográficas elaboradas, tais como:

1. Utilização dos mais variados ritmos musicais, explorando o pulso da música, como, por exemplo: caminhar no pulso da música, na metade do pulso, no dobro do pulso etc.; a melo-

dia e a interpretação das emoções que a música inspira.

2. Utilização das possibilidades de amplitude do movimento, como, por exemplo: passos curtos, longos, curtos e longos etc.
3. Utilização de deslocamentos em diferentes direções: para frente, para trás, para os lados, em linhas curvas, retas, combinadas etc.
4. Utilização de diferentes posições do corpo: em pé, sentado, deitado, em quatro apoios etc.
5. Utilização das variações do centro de gravidade do corpo: baixo, médio, alto.
6. Utilização de variáveis de expressão corporal ou expressões afetivas, como, por exemplo: executar um movimento com alegria, tristeza, raiva etc.
7. Utilização de imitações (teatralização) de personagens, animais, atividades esportivas, atividades profissionais etc.
8. Utilização de diferentes expressões culturais, como, por exemplo: dança (clássica, popular, folclórica, entre outras), teatro, mímica, jogos, lutas etc.
9. Utilização dos movimentos característicos das diferentes modalidades ginásticas (artística, rítmica, aeróbica, acrobática etc.).

É interessante a escolha de aparelhos que exijam a participação e a cooperação de vários alunos. Após a passagem pelas etapas indicadas na metodologia, os alunos são orientados para que façam um trabalho de síntese, utilizando, dentre os elementos descobertos por eles, os mais significativos. O professor supervisiona o trabalho, podendo sugerir mudanças que venham a enriquecer e/ou a facilitar a execução da composição. O resultado de todo o processo de construção da composição coreográfica deve ser apresentado, mesmo que apenas para os próprios integrantes do grupo. Caso haja interesse e possibilidade, poderá ser mostrado à comunidade escolar ou em eventos culturais e/ou esportivos fora da escola. A demonstração é uma das características fundamentais da ginástica geral, pois consolida o trabalho grupal refletindo o esforço coletivo, e reforçando a sensação de pertencer a um grupo que, ao mostrar-se, busca o reconhecimento de seus pares. Esse trabalho conjunto expressa as expectativas, a percepção de mundo e os valores de seus integrantes, e, ao ser apresentado, torna-se uma ótima oportunidade de avaliação, transformação e superação.

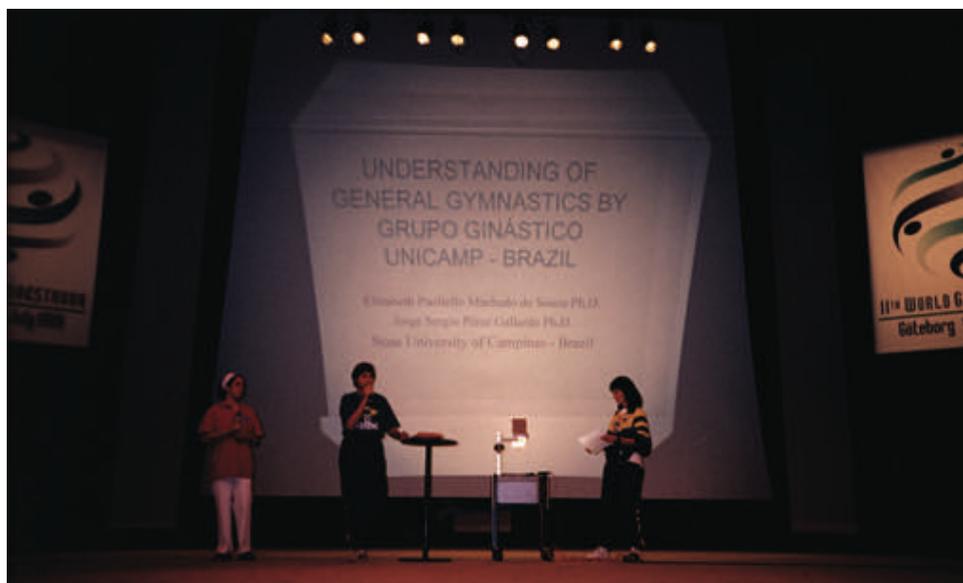


## Bibliografia

- AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e do II Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central-Unicamp, 1997.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. *General Gymnastics manual*. Moutier, 1993.
- GALLARDO, Jorge Sergio Pérez e SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp". In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e II do Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central da Unicamp, 1997, pp. 25-32.
- LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly Rey de. *Teoría general de la gimnasia*. Buenos Aires, Stadium, 1970.
- MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. *Formacion humana y capacitacion*. Santiago, Dolmen, 1995.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "Ginástica geral: Uma área do conhecimento da educação física". Tese de doutorado. Campinas, FEF-Unicamp, 1997.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. "Ginástica geral: Duas visões de um fenômeno". In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e II do Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central-Unicamp, 1997, pp. 33-36.



Em 1999, durante a 11ª Gymnaestrada Mundial em Goteborg (Suécia), a proposta do GGU foi novamente apresentada pela professora Elizabeth no “Fórum Educacional”.



No ano de 2003, o professor Jorge deixa a coordenação, mas permanece na FEF-Unicamp dando todo apoio ao grupo e oferecendo sua experiência e seu conhecimento em muitos momentos.



Nesse mesmo ano, a professora Elizabeth aposentou-se, permanecendo por mais três anos como professora colaboradora voluntária da FEF-Unicamp e ainda na coordenação do GGU, celebrando 17 anos de dedicação ao grupo.

Em 2005, a professora Eliana de Toledo, ex-integrante do GGU, é convidada a compartilhar a coordenação. Com larga experiência na ginástica, declarada paixão pelo grupo e intensa vivência de seus princípios por 16 anos, Eliana assume integralmente os treinos, apoiada por Elizabeth.

Por influência da coordenadora Eliana de Toledo, nos anos de 2005 e 2006, intensificaram-se alguns aspectos da proposta do GGU, começando por melhor capacitar seus membros acerca dela, por meio da criação de uma comissão científica, que veio se juntar às que já existiam.



Em relação a isso, ressaltamos que uma das formas de organização do GGU, em prol das atividades gerais do grupo, tem sido, desde seu início, a criação de comissões responsáveis por assuntos de interesse comum, como, por exemplo, patrocínio, comunicação, figurino, eventos, músicas, socialização, financeira, materiais, arquivo, entre outras. Essas comissões têm um papel fundamental para o desenvolvimento das atividades do grupo.

Nesse momento, criou-se então a comissão científica que organizou uma coletânea de textos básicos, a fim de aproximar as concepções que sustentam a proposta do grupo das experiências dos encontros. Investiu-se, igualmente, na afinação das relações do GGU com o Grupo de Pesquisa em Ginástica, assim como na ampliação da visibilidade digital do grupo, por meio de um *site* mais arrojado ([www.ggu.com.br](http://www.ggu.com.br)) e com maiores informações para professores, técnicos, graduandos e demais interessados.

A relação entre a GG e a arte foi igualmente intensificada por meio da proposição de oficinas com convidados para ministrar diferentes estilos de dança, técnicas de expressão corporal e improvisação, técnicas cênicas, dentre outras. A preparação corporal dos integrantes também contou com um curso de pilates, na época um movimento de vanguarda da ginástica no Brasil. No que diz

respeito às relações humanas, atividades e outras formas de socialização, dentro e fora dos encontros, foram mais ofertadas e incentivadas.

No que concerne aos pressupostos teóricos da proposta do GGU, esses foram influenciados pelas obras de Paulo Freire, com destaque para *Pedagogia da autonomia* (Freire, 1996) e *Conscientização* (Freire, 1980), encadeando maior diversidade de estratégias de ensino-aprendizado e fortalecendo a construção mais autônoma e dialógica das relações humanas e da metodologia que orienta a proposta do GGU. Exemplos evidentes dessa influência “freireana” estiveram presentes ao abrir-se o espectro de participação dos integrantes em decisões, nos diálogos estabelecidos em encontros e viagens, na maior responsabilidade e autonomia para a atuação nas comissões etc. Outro exemplo importante refere-se à escolha por enfatizar os processos de composição coreográfica a partir de temas, uma estratégia já utilizada no grupo (como, por exemplo, na composição coreográfica *Amazônia*), adensando-a com base na concepção educacional de Paulo Freire, a partir de um paralelo entre o processo metodológico de alfabetização de adultos e o processo de construção coreográfica. Para Freire (1980, pp. 25-26), “[...] a conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”.



Como mencionado anteriormente, três anos depois de sua aposentadoria, em 2006, a professora Elizabeth deixa a coordenação do GGU, transferindo essa responsabilidade para o ex-membro do GGU e novo docente da FEF-Unicamp na área da ginástica, o professor Marco Antonio Coelho Bortoleto, que passa a compartilhar a coordenação com a professora Eliana.



Foto: Antonio Scarpinetti

Esses coordenadores permanecem juntos até dezembro de 2006, quando deixa o cargo a professora Eliana e é convidada a compor a coordenação a professora Larissa Graner Silva Pinto, a qual permanece até a presente data, ao lado do professor Marco.



Novamente, a experiência de ambos como ex-integrantes do GGU por um extenso período — e, no caso de Larissa, como professora de educação física do ensino fundamental I da rede municipal de Vinhedo (SP) —, seu reconhecimento acerca dos valores da proposta do GGU e seu amor pelo grupo contribuíram para a continuidade do trabalho e o estabelecimento de novas metas e desafios.





## O GGU NA ATUALIDADE: CONSOLIDANDO E RESSIGNIFICANDO PRINCÍPIOS

Tendo conhecido e vivido parte da grandeza do que foi construído durante 17 anos, dar continuidade ao trabalho do GGU foi e tem sido uma grande responsabilidade para essa última dupla de coordenadores.

A consciência da importância de manter a coerência com tudo o que foi construído gerou o constante retorno aos textos que fundamentam a proposta pedagógica de ginástica geral do GGU, a

qual foi enriquecida pela influência de outros autores, como Pierre Parlebas, Lev Semenovitch Vygotsky, Mikhail Bakhtin, entre outros. De algum modo, buscamos compreendê-la e, assim, projetá-la nos encontros, nos processos de criação, nos ensaios, nas apresentações, nas viagens, nos eventos sociais, nas tarefas realizadas, nas discussões que ocorrem em todos esses contextos de maneira programada ou espontânea.



Influenciados por um dos pontos da proposta que mais têm inspirado o trabalho do grupo cotidianamente, compreendemos que sua prática deve potencializar as interações entre as pessoas dentro de um grupo nas quais os princípios relacionados à formação humana e à capacitação podem ser trabalhados.

Ao defendermos que a interação humana é o eixo da proposta, na prática cotidiana, buscamos como estratégia estender as decisões do grupo para além dos gestos realizados nas elaborações coreográficas. Os materiais, o tema, a música, o figurino, o número de participantes de uma composição a ser realizada, o uniforme do grupo passam, sempre que possível, por discussões que envolvem todos, mediadas pelos coordenadores. Além disso, busca-se estender na medida do possível essas decisões do grupo às decisões sobre as propostas das práticas corporais realizadas durante os encontros, às decisões sobre as estratégias utilizadas nos ensaios para melhorar a qualidade das apresentações, às decisões sobre as apresentações e viagens realizadas estabelecendo responsabilidades específicas, às decisões sobre os eventos para arrecadação de fundos para o gru-

po e também às decisões sobre diversos projetos elaborados.

Nessas discussões e decisões, não há um estabelecimento de regras rígidas e fixas, mas sim a elaboração de um conjunto de normas temporárias que, a cada renovação do grupo, a cada surgimento de um problema, são debatidas e modificadas. De modo similar, não há uma divisão de trabalho estável entre os integrantes. Cada semestre possui um movimento, um conjunto de acontecimentos que solicitam mais trabalho em uma tarefa do que em outra. O grupo é incentivado para que assuma essas tarefas e, da parte dos coordenadores, espera-se que os integrantes assumam as responsabilidades por elas em cada acontecimento e que seus parceiros possam ajudá-los.



Muitas das estratégias estabelecidas a partir do destaque dado à interação humana surgiram no GGU há muito tempo e puderam ser vivenciadas pelos próprios coordenadores quando de sua participação como integrantes do grupo. O que se busca na atualidade é inspiração em algumas dessas práticas para o desenvolvimento de outras.



**Organização de Transporte de Materiais.**

Raba Grande	
Placa 1 - Tabata	
Placa 2 - Mari	
Placa 3 - Helen	
Placa 4 - Murilo	
Placa 5 - Akira	
Placa 6 - Eric Baum	
Raba Grande	
Bolinhas e Sinos André	
+ Balde 1	
Baldeo 2 Romana	
Baldeo 3-4 - Murilo	
Baldeo 5 - Débora	
	(Pegador) CAMO Grande (Verde) Leo CAMO Grande (Amarelo) Eric Ponte de Baixo: Anali 2 Parquetos Velhos: Gabi Parquetos Novos Ana Lu Piabas: Dani Roupos Resumos: LARI unificados. CAMO Grande: A lam.



Tendo em vista potencializar a interação humana como um dos principais pontos da proposta abordados na atualidade, elaboramos a seguinte síntese:

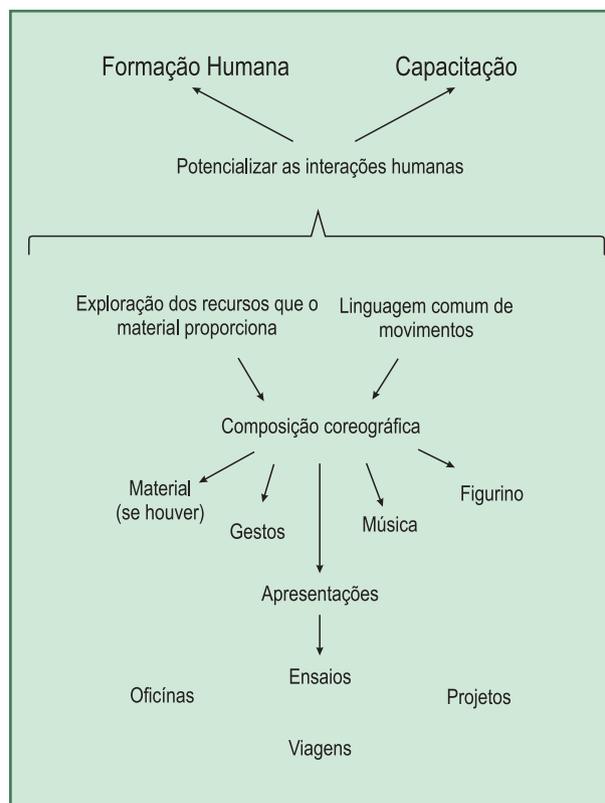


Figura 2. Síntese da proposta do GGU 2014

A metodologia da proposta de GG exposta na proposição original do grupo é dividida em duas partes, sendo uma a *interação social e linguagem comum de movimentos* e a outra a *exploração dos recursos que o material proporciona*. Ao notarmos que a *interação social* aparece apenas na primeira parte, nessa nova síntese, colocamo-la como grande eixo que guia as duas partes: o desenvolvimento da linguagem comum de movimentos e a exploração dos recursos que o material proporciona. Essas duas partes acabam constituindo direta ou indiretamente a composição coreográfica do grupo,

e, aquela, todas as outras partes. Trata-se de outro modo de dizer algo que já foi dito e vivido. Outras reflexões relacionadas a essa proposta surgem a cada dia a partir da prática do GGU, e sua sistematização está em constante processo de elaboração.

Nesse sentido, a transformação do olhar sobre a proposta e sua prática é contínua. O que se espera é que esta caminhe tendo sempre em vista o ser humano e sua vida em grupo.

Sabemos que, ao assumirem esse compromisso, os processos realizados no grupo tornam-se extensos e tensos. Porém, acreditamos que ensinam a cada integrante que deles toma parte a dimensão ética das relações humanas.

Nesse caminho, temos dado continuidade ao trabalho realizado, ensinando, aprendendo, realizando apresentações e oficinas em diversos locais, elaborando composições coreográficas, como “Yin Yang”, “Caixa de Brinquedos”, “Gotas”, realizando viagens internacionais e, conseqüentemente, dando continuidade aos intercâmbios estabelecidos. Constatamos com alegria o interesse dos integrantes pelo aprofundamento do estudo da ginástica, levando a proposta para seus contextos de trabalho.

Seguimos em frente com grandes projetos e sonhos, tanto para o presente quanto para o futuro, com a certeza de que serão realizados por todos, juntos.



A experiência vivida é algo que não se esquece, não se duvida, não se controla mais sua eternidade.

As viagens e possibilidades com o GGU foram, de tamanha e vasta intensidade, marcantes na vida.

Não seria isto mesmo aquilo que todo bom encontro desejaria: permanecer para sempre? Os estilhaços dos tempos de GGU seguem e seguirão sempre, ricocheteando, manchando.

É a realidade para aqueles que, depois do arrebatamento, não irão embora junto com a lona do circo.

Mas o serão. Simplesmente.

*Conrado Augusto Gandara Federici, GGU*

Independentemente do perfil da coordenação e de seus membros, acreditamos que esses princípios são consistentes o suficiente para fundamentar a proposta do GGU. Mostram que a base dessa proposta está consolidada, mas que é dinâmica, em constante transformação, em sintonia com seu tempo e com a experiência de seus integrantes. É,

ao mesmo tempo, porosa, permeável, porque permite a seus partícipes influências recíprocas em direção a um ideal comum por meio da ginástica. A vivência reforça os princípios e, ao mesmo tempo, ressignifica-os.

Todas essas transformações foram continuamente acompanhadas pela professora Elizabeth, que permanece próxima ao GGU até hoje, como um elo entre o passado e o presente, como uma inspiração para o presente e para o futuro, compartilhando ininterruptamente seus conhecimentos, experiências e abrindo sempre novas possibilidades. Sua presença marcante e amorosa tem fortalecido o GGU durante todos estes anos.

Tão importantes quanto os aspectos aqui levantados sobre a história do GGU são as amizades, os laços que foram construídos ao longo de tantos anos, por diversas gerações, fazendo de cada um e de todos “GGÚnicos”, especiais, singulares e parte de uma grande família chamada GGU.





## APRENDENDO E ENSINANDO: A EXPERIÊNCIA DO GGFEF

A proposta desenvolvida pelo GGU ganha cada vez mais visibilidade e passa a ser oferecida à comunidade interna e externa da Unicamp, por meio de um projeto de extensão denominado Grupo de Ginástica Geral da FEF (GGFEF). Esse projeto iniciou-se em 1995 e desde então é oferecido de forma gratuita, duas vezes por semana; nele, os alunos vivenciam a proposta do Grupo Ginástico Unicamp. Assim como no GGU, os alunos criam composições coreográficas e as apresentam nos festivais de ginástica da FEF realizados duas vezes ao ano, um em cada semestre (“Coisas da FEF” e “Festival Interno da FEF”), proporcionando a experiência da composição coletiva, da socialização, do cultivo de valores e da mostra pública do trabalho realizado (algo que para alguns é vivido pela primeira vez).

Aqueles que demonstram afinidade com essa proposta são convidados a integrar o GGU no ano seguinte. Os monitores do GGFEF são os integrantes do grupo, que atuam de forma voluntária e têm a oportunidade de vivenciar a docência, atingindo o objetivo do GGU de atuar nos três âmbitos universitários (ensino, pesquisa, extensão).





O GGU é mais do que especial. Cada membro do grupo que passa ou que fica me transforma e me adiciona algo extraordinário de alguma maneira, moldando a pessoa que eu sou hoje e que deseja ser melhor amanhã, meu caráter, minhas escolhas e trazendo mais do que amizade, uma verdadeira família para minha vida. Cada membro que passa ou que fica te transforma e te adiciona de alguma maneira.

*Tabata Almeida, GGU*





## FLASHBACK E RENOVAÇÃO: GGU “DINO”

“Uma vez GGU, sempre GGU!”

Esse pensamento de um grupo de ex-integrantes do GGU aliou-se às boas lembranças do tempo em que faziam parte daquele conjunto de pessoas, ao prazer de voltarem a estar juntos, a praticar a ginástica e a se apresentar... No entanto, eles agora eram profissionais que trabalhavam no período noturno e/ou que tinham constituído suas próprias famílias, vendo-se impossibilitados de retornar ao grupo em seu horário convencional (terças e quintas-feiras, das 19 às 21 horas).





Falar do Grupo Ginástico Unicamp é falar de um período muito importante da minha vida. Conheci o GGU, ainda como espectadora, antes de entrar na faculdade. Adorava assistir às apresentações.

Ao entrar na faculdade (educação física, Unicamp), tive a oportunidade de conhecer melhor a ginástica geral, como integrante do Grupo Ginástico da FEF, quando fiz as minhas primeiras apresentações. Com imenso prazer, fui convidada, então, a integrar o Grupo Ginástico Unicamp e, logo, a fazer a minha primeira viagem internacional.

Particpei como ginasta do GGU por sete anos, aproximadamente. Não havia dores, mal-estar ou compromissos externos que me fizessem faltar aos encontros. Até que, formada, os compromissos profissionais me impediram de continuar.

Foram anos intensos, de muito prazer, muita partilha e muito aprendizado. Deixei o grupo com muita resistência, mas não havia mais como conciliar os horários. Porém, nunca me afastei exatamente, e, alguns anos mais tarde, o desejo de voltar falou mais alto e surgiu a ideia de reunirmos ex-integrantes do grupo, sempre apaixonados pela proposta e que, como eu, não podiam participar dos encontros regulares. Formamos, então, um segundo grupo, o qual, com muita satisfação, a convite da Beth, minha eterna professora querida, coordenei por mais sete anos. Ensaivamos, nos apresentávamos, revíamos nossos conceitos, lembrávamos tempos passados, criávamos novas lembranças, fazíamos “terapia em grupo”.

Foram anos inesquecíveis.

Ensaio, criação coreográfica, senso de coletividade, viagens, convívio social, prazer de fazer uma atividade física, uma atividade expressiva, necessidade de ouvir o outro e de se fazer ouvir, partilhar, alegria, prazer, prazer e prazer são palavras que me vêm à cabeça quando penso no Grupo Ginástico Unicamp.

Tenho profunda gratidão pela oportunidade de fazer parte desse grupo tão especial.

*Polyana Junqueira Hadich (coordenadora do GGU “Dino”)*

Foi em 2004, durante uma viagem do GGU para a Argentina, que esse desejo falou mais alto, e houve a decisão de iniciar no ano seguinte um grupo formado por ex-integrantes do GGU, cujos encontros seriam aos finais de semana. Coordenado pela professora Polyana Junqueira Hadich, que por sete anos integrou o GGU, criou-se o grupo carinhosamente apelidado de GGU “Dino”, numa alusão bem-humorada à faixa etária dos integrantes (“dinossauros”). Essas pessoas mantiveram o grupo em atividade durante sete anos (de 2005 a 2011), sendo ele composto não apenas por ex-integrantes do GGU, mas também por indivíduos simpaticizantes da proposta.

Esse grupo teve um papel muito importante, pois, além de ser mais um espaço de vivência da proposta do GGU à comunidade, retomava composições coreográficas do passado (devido à experiência dos participantes) e criava novas (como “Lilás”, “Centopeias” e “Tubos”, esta última em parceria com o GGU), ampliando as possibilidades de divulgação da proposta, ao apresentá-la em escolas, clubes e eventos (separadamente ou conjuntamente com o GGU), tendo inclusive participado de uma viagem à Colômbia em 2006.

Uma iniciativa semelhante a essa, com a intenção de comemorar os 25 anos do GGU e de propiciar o encontro de ex-participantes, ocorreu no segundo semestre de 2013, com a formação de um grupo feminino denominado GGU Ânima, sob coordenação da professora Giovanna Sarôa. As primeiras coordenadoras do GGU, Elizabeth e Vilma, assim como outras participantes de diferentes gerações, animaram-se para retomar suas memórias, aprendizados e encontros por meio da vivência da GG. Tendo como meta participar conjuntamente com o GGU da 15ª Gymnaestrada Mundial — Helsink (Finlândia) em 2015, esse grupo vem se reunindo desde então.

No GGU, encontrei o espaço para praticar e vivenciar não só a ginástica, mas também a diversidade de ideias, o convívio democrático e a criação coletiva, o que serviu de modelo valioso para o resto da minha vida.

*Daniele Fonseca, GGU*



O GGU me proporcionou conhecimentos como ginasta e pessoa que carrego para toda a minha vida. Aprendi valores e princípios que contribuem para a minha formação pessoal e profissional. Vivenciar através da ginástica geral as diversas manifestações culturais, a socialização, a capacitação humana, o respeito às diferenças foi princípio que aprendi no GGU e que levei para o meu trabalho como professora universitária. Ter feito parte do Grupo Ginástico Unicamp foi sem dúvida o maior ganho e aprendizado da minha vida. Uma frase que carrego comigo e aprendi com minha mestra Elizabeth Paoliello é: "Dividir é multiplicar". Isto é o GGU, isto é o que ele me ensinou.

*Giovanna Sarôa,  
coordenadora do GGU Ânima*